

O que será da Bienal de São Paulo após a fase brilhante de Dom Ciccilo?

ISRAEL mandou um artista de valor, Michael Gross, cujas esculturas monumentais e abstratas acham-se ao ar livre, no terraço da Bienal, e suas pinturas refletem em cores violentas e simples a dura vida trabalhadora de um povo sob o sol causticante, lavrando a terra ou defendendo-a das depredações. A Bélgica ainda está na onda, um tanto ultrapassada, da **pop-art**, com execução e acabamento deliberadamente desleixados. Espelhos que refletem e multiplicam enganadoramente o espaço, personagens recortadas e colocadas em posições insólitas para chocar o visitante, são as armas que o belga Rober Ravel usa para fazer sua **pop-art**. O mesmo se dá com seu compatriota Has Perssons, que põe em jaulas cachorros de pelúcia ou estripa pequenas bonecas e as enfileira em prateleiras. No envio da Argentina, além da retrospectiva do veterano Emilio Petorruci, pode-se ver e admirar a arte de Davide, feita de luz e movimento, utilizando fios de **nylon**, e que obteve um prêmio merecido. Na Grécia há unicamente a notar as telas de Alekos Fassianos, de inspiração bizantina, mas com a liberdade do realismo fantástico moderno. O envio de Portugal merece a

atenção demorada do visitante. Embora sem grandes pretensões, conta didaticamente, em ótima montagem, a história da arte e da literatura modernas em Portugal, destacando principalmente as figuras do pintor Almada Negreiros e a do poeta Fernando Pessoa. A França mandou a obra de Daniel Camalle, e não convenceu. O envio está bem longe daqueles das antigas bienais. A Itália se faz valer pelas esculturas geométricas de Nicola Carrino e principalmente pelas telas do veterano Giuseppe Campogrossi, que obteve o prêmio **20 Anos de Bienal**.

Há ainda a comentar o envio do guatemalteco Luiz Dias (premiado): um Volks todo arrebatado que está em frente à Bienal, numa faixa azul e branca que entra pelo edifício, sobe ao mezzanino, passa por uma gangorra e vai terminar muitos metros além do prédio, na cúpula de um edifício do Parque Ibirapuera. Deve simbolizar uma viagem acidentada. E as próximas bienais paulistas? Qual será seu destino após a fase de Ciccillo? É o que está sendo debatido no momento em São Paulo por - uma mesa-redonda de críticos nacionais e internacionais.

O colombiano Omar Rayo obteve um bom prêmio com sua bem executada optical-art, que cria no espectador ilusões espaciais.

